

A Formação do Administrador Socialmente Responsável: o Olhar do Professor e do Formando de Administração para a Responsabilidade Social Empresarial

Daniel Soares Bulsing¹
Margarete Fátima Lucca²

RESUMO

Devido à preocupação crescente das organizações com a responsabilidade social como consequência das tendências da sociedade global, e das exigências do consumidor para que as empresas desenvolvam programas nessa área, compete às IES formar profissionais competentes para o desempenho pleno de ações que satisfaçam essa necessidade emergente. Nesse sentido, o presente artigo, oriundo da monografia de curso, teve como objetivo identificar as virtudes e deficiências do currículo do Curso de Administração da UCS na formação de profissionais que possam atuar no âmbito da responsabilidade social, mediante investigação das percepções sobre Responsabilidade Social Empresarial dos formandos em Administração e de seus professores. Fundamentando-se no referencial teórico, na pesquisa descritiva e nos dados coletados por meio de questionário, pôde-se concluir que o bacharelado forma profissionais conscientes da importância do tema e da necessidade de aplicação nas organizações, porém não os capacita significativamente com instrumentos e conhecimentos da amplitude necessária à gestão da Responsabilidade Social Empresarial, demandando atitudes e ações para que se possa mudar esse quadro no ensino da Universidade de Caxias do Sul.

Palavras-chave: Responsabilidade Social Empresarial. Ensino de Administração. Desenvolvimento Sustentável.

1 INTRODUÇÃO

As grandes transformações sociais, científicas, econômicas e tecnológicas têm despertado o mundo para diferentes reflexões nas diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, os problemas sociais como a má distribuição de renda e a falta de padrões mínimos de saúde e educação trazem à tona o questionamento sobre quem são os atores sociais responsáveis por sua minimização, e talvez, resolução.

Esses problemas e mudanças sociais demandam uma gestão organizacional que busque o diálogo permanente e transparente com a sociedade buscando o crescimento e o apoio social às operações da organização. Nesse sentido, Berger (2001, p. 17), adverte que atualmente não há mais uma linha divisória entre os problemas que estão fora e dentro das organizações, de maneira que “as soluções devem ser compartilhadas com a sociedade de forma geral e as empresas devem contribuir ativamente com as soluções, sob o risco de serem questionadas, processadas e cobradas pelos seus atos”.

Diante dessa perspectiva, a Responsabilidade Social Empresarial, doravante chamada RSE, revela-se como o meio de contribuição das organizações para com a sociedade. Por ser a RSE uma exigência da sociedade e uma fonte geradora de impactos significativos no modelo de gestão empresarial, a educação dos futuros administradores em conformidade com os anseios sociais é vista como elemento fundamental para que as organizações atuem com

¹ Graduando em Administração pela Universidade de Caxias do Sul; Campus Universitário da Região das Hortênsias. E-mail: dsbulsing@ucs.br

² Professora orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso II. Administradora, Pedagoga e Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); Professora da Universidade de Caxias do Sul – Campus Universitário da Região das Hortênsias. E-mail: mflucca@ucs.br

responsabilidade, por serem eles os encarregados pela tomada de decisões e posicionamento da empresa no mercado (SERPA, 2006).

No entendimento de Ribeiro (2003), já que o curso universitário constitui uma experiência, é imprescindível que tenha seus resultados, positivos e negativos, continuamente avaliados e discutidos. Nesse contexto, a pesquisa procurou responder a seguinte interrogação:

O curso de Administração da UCS, na visão de seus professores e alunos concluintes do período 2012/4 da unidade de Canela, forma profissionais capacitados para atuarem de forma socialmente responsável na gestão das empresas?

Tendo esse questionamento como direcionador do estudo, buscou-se o conhecimento da realidade acadêmica do ensino e discussão da RSE, através da visão dos próprios acadêmicos e professores, como forma de atingir os objetivos da pesquisa. Dessa forma, o objetivo geral da pesquisa foi identificar as virtudes e deficiências do currículo do Curso de Administração da UCS na formação de profissionais que possam atuar no âmbito da responsabilidade social, através da investigação das percepções sobre RSE dos formandos em Administração do período 2012/4 e dos docentes que lecionaram disciplinas específicas do curso no período citado.

A escolha da RSE como tema de pesquisa justifica-se pelo destaque adquirido no processo de organização empresarial e como elemento de diferenciação na atuação social das empresas hodiernamente. A constante busca por maior participação no mercado fez com que o interesse das organizações, que antes era restrito à dimensão econômica dos negócios, fosse ampliado envolvendo as demandas e expectativas dos públicos que se relacionam com a organização (MELO NETO; FROES, 2001).

Em vista desse novo paradigma organizacional, faz-se necessário que os profissionais de Administração estejam atualizados em relação a essas novas demandas visando assumir o papel de gestão das mudanças estruturais que acontecem na relação entre as áreas ambiental, econômica e social. Nesse sentido, a universidade tem um papel de destaque na construção do conhecimento e na qualificação dos profissionais. Porém, Ribeiro (2003, p. 114), alerta que “nosso mundo está em mudança tão rápida que é inútil a universidade pretender adotar seu ritmo, imitá-lo, em suma, replicá-lo”, o que a universidade pode fazer nesse sentido é propiciar a “formação de uma base sólida o bastante para que, em meio às mudanças, o aluno saiba navegar”.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A RSE pode ser vista como um meio para o alcance da sustentabilidade empresarial, a qual é definida, segundo Barbieri e Cajazeira, como a orientação da gestão da organização “para obter resultados positivos em termos econômicos, sociais e ambientais” (2009, p. 137).

No âmbito organizacional, o núcleo da contribuição das empresas para o Desenvolvimento Sustentável fundamenta-se em três dimensões: econômica, social e ambiental. A limitação a essas três dimensões, não significa o abandono ou perda das demais dimensões do Desenvolvimento Sustentável, mas sim a concentração no que realmente é importante para a atuação da organização. Dessa forma, a organização sustentável é aquela que tem como objetivo a contribuição para o desenvolvimento sustentável usando como meio a responsabilidade social (BARBIERI; CAJAZEIRA, 2009). Nesse sentido, Melo Neto e Froes (2001, p. 91), destacam que “ao participar de ações sociais em benefício da comunidade, a empresa atua na dimensão social do desenvolvimento sustentável e exerce a sua responsabilidade social”.

Por causa dos diferentes contextos e das diversidades culturais e sociais, a definição de RSE, bem como suas interpretações e ações, variam em decorrência do setor de atuação da

empresa, local e espaço de tempo. Essa mobilidade do conceito é destacada por Silva Filho, Benedicto e Calil (2010, p. 29), ao afirmarem que a RSE “não pode ser considerada como um modelo fixo, que estabelece prioridades predeterminadas e permanece estática. As relações de uma empresa com a sociedade são dinâmicas, pois envolvem aspectos [...] que poderão sofrer variações no tempo”.

Na realidade, segundo Oliveira (2008), é difícil encontrar uma lista de requisitos e práticas claramente delimitados sobre o que uma organização precisa fazer para ser considerada socialmente responsável, já que não há consenso sobre a definição de RSE e nem de seus requisitos, porém, existem alguns pontos fundamentais a serem observados. A organização que tem por objetivo ser socialmente responsável precisa seguir a legislação em todas as áreas, além de que, o todo da RSE pode ser visto a partir da atuação da empresa em cada uma de suas partes, tais como o “desempenho responsável na área ambiental, consideração às comunidades que são impactadas pelas atividades empresariais, respeito aos empregados e seus familiares e transparência nas ações” (OLIVEIRA, 2008, p. 69-70). Nesse sentido, Karkotli conceitua RSE como o “comportamento ético e responsável na busca de qualidade nas relações que a organização estabelece com todos os seus *stakeholders*, associados direta e indiretamente ao negócio da empresa” (2007, p. 63).

Ter um comportamento responsável consiste no ato de “dar respostas às demandas sociais: esse é o ângulo em que as organizações veiculam suas mensagens quando engajadas na proposta de responsabilidade social” (GOMES; MORETTI, 2007, p. 6). Portanto, “a empresa socialmente responsável é aquela que está atenta para lidar com as expectativas de seus *stakeholders* atuais e futuros, na visão mais radical de sociedade sustentável” (ASHLEY, 2005, p. 42).

Porém, a publicidade das ações sociais ou ambientais implementadas por organizações com foco no público externo, tais como a construção de uma creche para a comunidade ou criação de uma reserva ecológica para proteção de espécies em extinção, induz muitas pessoas a mencionarem essas práticas como exemplos de RSE. Ou seja, nessa visão a empresa socialmente responsável seria aquela que investe em projetos de caráter social, mesmo que não estejam relacionados com sua atividade-fim.

Oliveira (2008, p. 69), adverte que “isso, na realidade, é filantropia ou simplesmente ação social. RSE vai muito além de meramente fazer ação social”. O autor entende que RSE “envolve atitudes, ações e relações com um grupo maior de partes interessadas (*stakeholders*) como consumidores, fornecedores, sindicatos e governo” (OLIVEIRA, 2008, p. 66). As ações sociais, segundo Oliveira (2008), podem fazer parte das práticas de responsabilidade social, mas não representam o todo da RSE, visto que, se uma organização ajuda na construção de um hospital na comunidade em que está inserida, mas ao mesmo tempo polui o meio ambiente e desrespeita seus empregados, essa ação social não é suficiente para classificar a empresa como socialmente responsável.

O papel da organização na contribuição para com a sociedade por meio da RSE, na prática é desempenhado da seguinte maneira, na visão de Melo Neto e Froes (2001): a organização depende de recursos pertencentes à sociedade, e ao fazer uso deles em benefício próprio ela contrai uma dívida social; para reparar essa apropriação de recursos que não lhe pertencem, a empresa precisa contribuir para solucionar os problemas sociais. Dessa forma, a dívida da organização para com a sociedade está relacionada ao consumo de recursos naturais pertencentes à humanidade; ao consumo de capitais financeiros e tecnologia e uso da força de trabalho de pessoas daquela sociedade; e ao apoio recebido do Estado.

Nos últimos tempos, pôde-se observar uma flexibilização das abordagens relativas ao papel das organizações no meio social. Discussões sobre esse papel vêm ocorrendo desde que as organizações começaram a surgir, porém só em épocas recentes esse tema passou a ter maior destaque em todos os setores sociais. A base para esse debate vem de trabalhos

acadêmicos produzidos, principalmente, a partir da década de 1970 nos Estados Unidos e mais recentemente no Brasil (BARBIERI; CAJAZEIRA, 2009).

As classificações das dimensões envolvidas no debate são variadas, de maneira que se optou por adotar a abordagem de autores como Silva Filho, Benedicto e Calil (2010), Gomes e Moretti (2007), Barbieri e Cajazeira (2009), e Ashley (2005), dividindo o tema em duas linhas. A linha tradicional defende que a empresa tem de se preocupar apenas com seus negócios e assim todos sairão ganhando no longo prazo, já a segunda linha prega o envolvimento da organização nas questões de responsabilidade social baseada em uma visão integrada da sociedade.

2.1 TEORIA DOS *STOCKHOLDERS*

Um texto escrito por Milton Friedman em 1962 pode ser considerado o ponto de partida do debate acadêmico sobre RSE, apesar de haver inúmeros trabalhos publicados sobre o tema desde o começo do século XX (BARBIERI; CAJAZEIRA, 2009). Em opinião expressa num artigo no *New York Times Magazine*, Friedman (1970, p. 6, tradução nossa), argumenta categoricamente que em uma sociedade livre só há uma responsabilidade social das organizações: “usar seus recursos e engajar-se em atividades destinadas a aumentar seus lucros até onde permaneça dentro das regras do jogo, o que significa participar de uma competição aberta e livre, sem enganos ou fraude”. A partir daí suas ideias ganharam notoriedade no meio empresarial.

Milton Friedman, economista norte-americano, ganhador do Prêmio Nobel de Economia em 1976, classifica a doutrina da responsabilidade social como subversiva e afirma que “há poucas coisas capazes de minar tão profundamente as bases de nossa sociedade livre do que a aceitação por parte dos dirigentes das empresas de uma responsabilidade social que não a de fazer tanto dinheiro quanto possível para seus acionistas” (FRIEDMAN, 1985, p. 123). Essa abordagem tendo por foco o lucro como principal objetivo passou a ser conhecida como Teoria do Acionista (também chamado de *stockholder* ou *shareholder*) e serviu como base para o debate sobre a responsabilidade social das organizações, tanto para defendê-la, quanto para atacá-la.

Na visão de Friedman (1985), os negócios resumem-se à busca pelo lucro, enquanto que outras considerações de natureza social são de responsabilidade da sociedade, pois objetivos econômicos e sociais não podem ser misturados. Se essa busca pela maximização dos lucros do negócio entrar em conflito com as preocupações sociais de um grupo maior da sociedade, então cabe ao poder político delimitar os negócios sob a forma de restrições legais que influenciam as decisões econômicas.

2.2 TEORIA DOS *STAKEHOLDERS*

Quando a organização é vista como um sistema aberto, ocorre uma ampliação de sua função, e o equilíbrio com outros sistemas passa a ser seu objetivo maior (VELLANI, 2011). Dessa forma, para que possam garantir sua perpetuação, faz-se necessário que as empresas tenham o cuidado não apenas com seus elementos internos, mas também com elementos externos ao negócio, os quais fazem parte do todo em que está inserida.

Borger (2001), visualiza as organizações como sistemas sociais com valores compartilhados e cultura comum entre seus membros. Portanto, se o negócio tiver por objetivo apenas obter lucro sem uma contrapartida social, a organização pode ser prejudicial ao todo do qual faz parte, e conseqüentemente ruim para si mesma, pois, segundo a visão sistêmica dos negócios “as empresas são interdependentes e interligadas à economia, à

sociedade e aos ecossistemas. Por isso, a qualidade de suas relações com todos os elementos ao seu redor influencia na continuidade de seus negócios” (VELLANI, 2011, p. 3).

A geração de valor ao acionista era a principal preocupação da visão tradicional da organização, porém, cada vez mais surgem grupos com interesses dos mais diversos no desempenho social e ambiental das empresas. No decorrer das décadas, o tópico das partes interessadas nos negócios passou a ser debatido com mais frequência com a publicação de artigos em vários periódicos relacionados à Administração. Esse debate leva ao surgimento da Teoria dos *Stakeholders* “a qual considera que deve haver uma mudança de perspectiva na estratégia das organizações, de forma que exista uma relação de responsabilidade da organização com o atendimento das necessidades de todos os grupos de interesse – *stakeholders*” (KARKOTLI, 2007, p. 18).

2.3 O ADMINISTRADOR E A RSE

Alguns gestores veem a RSE como um custo ligado ao fato de se fazer negócios, ou seja, um mal necessário para manter o apoio da sociedade e o direito de manter a organização em funcionamento. Há ainda outro grupo que entende a exigência da RSE como uma missão moral, enquanto que outros a veem apenas como uma exigência legal. (DREHER, ULLRICH, 2009). Nesse sentido, Fischer (2004), argumenta que as organizações não vivem isoladas dos problemas que as cercam, de maneira que é impossível ignorar uma sociedade que aprecia a ética e os valores e exige uma atuação com responsabilidade; ignorar tais anseios sociais significa ignorar o mercado.

Empresas que maltratam seus empregados, desrespeitam a opinião pública, ou causam danos ao meio ambiente, trazem em sua estrutura um apego exagerado ao crescimento econômico, que, mesmo sendo o direcionador das atividades organizacionais, não consegue manter-se no longo prazo por não buscar o interesse do mercado e sim o interesse unilateral da organização. Assim, o administrador que busca direcionar os objetivos da organização no mundo globalizado, precisa estar atento ao poder de influência do mercado consumidor nas decisões empresariais, já que esse mercado tem exigido cada vez mais um posicionamento ético e responsável das organizações (SOVINSKI, 2006).

O perfil do consumidor do futuro, segundo Sovinski (2006), irá definir o perfil do administrador do futuro, visto que o consumidor passará a levar em consideração não apenas o preço e a qualidade dos produtos e serviços, mas principalmente o comportamento social das empresas que são suas fornecedoras. Assim pode-se inferir que o administrador para atuar no âmbito da RSE precisa estar constantemente atualizado, e nesse sentido, uma formação universitária alinhada com as mudanças que ocorrem ao longo do tempo no cenário mundial pode ser um diferencial para esse profissional.

Diante das transformações do mundo e da reestruturação das formas de produção, a qualificação para as diversas ocupações deixa de ser vista como resultado do desenvolvimento de modos de fazer. Dessa maneira, a formação dos indivíduos passa a ter por objetivo capacitá-los para que possam dispor dos atributos obtidos na vida social, escolar, pessoal e laboral, de forma a prepará-los para lidar com a incerteza, com a flexibilidade e a rapidez na resolução de problemas durante seu desempenho profissional. Portanto, a formação universitária tem como fim o desenvolvimento de competências, que podem ser entendidas como as capacidades que envolvem conhecimentos, habilidades e valores (ANDRADE; AMBONI, 2003).

A maioria dos cursos de graduação em Administração, na visão de Andrade e Amboni (2003), convive com projetos pedagógicos que formam profissionais com perfis distantes das necessidades do mercado por não terem um direcionamento baseado nas realidades interna e externa em que o curso está localizado.

Assim, segundo Paviani e Pozenato (1984, p. 127), o “currículo universitário é um conjunto de disciplinas e de atividades, organizado com o objetivo de levar a uma habilitação de nível superior, dentro de um tempo determinado”, e dessa forma, ele é um instrumento de condução da aprendizagem e não um fim em si mesmo, e como tal precisa ser continuamente adequado às necessidades, seja às novidades da ciência, seja às novas exigências históricas.

Paviani e Pozenato (1984, p. 128), afirmam que ao se organizar um currículo de graduação procura-se “combinar uma formação cultural e científica de base, com uma formação profissional também de base”. Dessa forma, acredita-se que o currículo do curso de graduação precisa estar constantemente atualizado para garantir a melhor formação de base para que o profissional egresso do curso possa crescer futuramente de acordo com o tipo de atividade que for exercer após a graduação, podendo especializar-se na área escolhida.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Após o exame bibliográfico sobre o tema, optou-se pela adoção da pesquisa descritiva como metodologia principal do estudo. Gil (2002), esclarece que as pesquisas descritivas têm por objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno.

Em relação à maneira como as características do grupo pesquisado foram abordadas, a pesquisa pode ser classificada como quantitativa e também qualitativa. Segundo Richardson (1999, p. 70), o método quantitativo “caracteriza-se pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento dessas”. Quanto ao método qualitativo, Richardson destaca que as pesquisas que utilizam esse método “podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, [...] e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades dos comportamentos dos indivíduos” (1999, p. 80).

A população-alvo deste estudo foi constituída por dois públicos distintos: alunos e professores, sendo que 100% do público definido para o estudo respondeu à pesquisa. O estudo buscou conhecer os pontos de vista de todos os 34 alunos regularmente matriculados no Bacharelado em Administração da UCS – unidade de Canela e que fizeram requerimento para colação de grau ao final do período letivo regular extensivo 2012/4 concluindo o curso de acordo com o plano curricular GRA000351 e também os acadêmicos remanescentes do extinto plano curricular GRA000319 enquadrados nos mesmos requisitos. Também integraram a população todos os 12 professores que, no período 2012/4, lecionaram disciplinas específicas do curso de Administração, identificadas pelo código ADM, fossem elas obrigatórias ou eletivas. Salienta-se que no período 2012/4 foram ofertadas 17 disciplinas específicas no Bacharelado em Administração, do total de 47 disciplinas que constituem o curso, e mais quatro eletivas, sendo que alguns docentes lecionam mais de uma disciplina. Quando a pesquisa abrange a totalidade dos componentes do universo pesquisado não há necessidade de seleção de amostra da população, caracterizando-se como pesquisa censitária (MARCONI; LAKATOS, 2009).

A obtenção dos dados para a pesquisa se deu por meio da aplicação de um questionário, que segundo Gil (2002), é uma investigação composta por um número de questões apresentadas por escrito às pessoas, com o objetivo de se conhecer suas opiniões, as crenças, os sentimentos, os interesses, as expectativas dos entrevistados e as situações por eles vivenciadas.

O questionário utilizado para coleta de dados da pesquisa foi elaborado a partir do referencial teórico e de estudos realizados em outras IES por Souza, Dreher e Domingues (2006), e Silva e Chauvel (2010), sendo, em seguida, submetido a um pré-teste com uma amostra formada por professores e alunos egressos do curso de Administração. Após a

verificação de clareza de conteúdo e adequação aos objetivos da pesquisa, o questionário foi apresentado à população-alvo no mês de setembro de 2012, através de arquivo anexado em e-mail.

Também foi apresentada no questionário uma questão contendo afirmativas sobre as quais os respondentes deveriam manifestar sua concordância ou discordância por meio da utilização de escala Likert. Segundo Marconi e Lakatos (2007), a escala Likert é amplamente utilizada e exige que os respondentes tomem uma posição em relação às afirmativas avaliadas. A utilização da escala Likert permite que os respondentes não apenas concordem ou discordem das afirmativas, como também manifestem seu grau de concordância ou discordância com essas respostas.

Os dados obtidos através dos questionários foram analisados de duas maneiras: os dados provenientes das perguntas qualitativas foram categorizados e submetidos às interpretações do pesquisador tendo por base a pesquisa bibliográfica realizada. Já os dados de perguntas quantitativas foram tabulados através do programa Excel, calculados os percentuais de representatividade de cada resposta em relação ao grupo a que pertencia o respondente, e calculada a média entre as respostas dos dois grupos como forma de se ter uma resposta representativa da população pesquisada. Em seguida, foram propostas generalizações com base nos números apresentados e feitos cruzamentos entre os resultados de diferentes questões.

Os dados colhidos nos questionários respondidos por estudantes foram cruzados com os dados provenientes dos questionários respondidos pelos professores, sendo em seguida, confrontados com as visões dos autores apresentados no referencial teórico.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Os 34 estudantes respondentes da pesquisa são em sua maioria mulheres, constituindo 70,59% do total. A maioria dos alunos tem menos de 30 anos de idade, sendo que a maior concentração de respondentes tem entre 20 e 24 anos, o que equivale a 38,24% do total de bacharelados pesquisados. A maior parte dos formandos trabalha em empresa privada do setor de serviços, representando 26,47% do total de estudantes respondentes, e em quantidade aproximada também existem alunos trabalhando em empresas privadas dos setores do comércio, com 20,59%, e indústria com 17,65%. Mais da metade dos estudantes respondentes da pesquisa desempenha funções operacionais, e metade dos alunos trabalha na área administrativa, sendo que 47,06% dos formandos atuam em cargos de gestão.

Já os 12 professores respondentes da pesquisa são em sua maioria homens, constituindo 75% do total. O maior número de respondentes tem entre 45 e 49 anos, 66% dos docentes têm mestrado acadêmico como titulação máxima, e seu tempo de docência no curso de Administração varia de dois a sessenta semestres. Além de lecionar, sete professores atuam em consultoria empresarial, um é pequeno empresário, um é gestor de condomínios e os outros três dedicam-se somente à docência.

Como forma de identificar o nível de conhecimentos dos respondentes sobre os conceitos e práticas de RSE, optou-se por adaptar ao contexto do presente estudo uma questão utilizada por Souza, Dreher e Domingues (2006), em investigação sobre a forma de abordagem da RSE e o conhecimento sobre o tema adquirido na graduação por estudantes egressos de 19 cursos de graduação em Administração da região de Blumenau, Santa Catarina. A questão apresentada pelas autoras era composta por uma lista de 20 tópicos relacionados à RSE entre os quais os respondentes deveriam assinalar aqueles que em sua opinião tivessem relação com o tema. Da lista contendo vinte tópicos ligados à RSE apresentada por Souza, Dreher e Domingues (2006), foram mantidos dezesseis tópicos e

acrescentados outros treze com base no referencial teórico e nos Indicadores Ethos de Responsabilidade Social (KARKOTLI, 2007), totalizando vinte e nove tópicos.

Solicitou-se então aos discentes e docentes que indicassem quais tópicos dos apresentados se relacionavam à RSE. Na Tabela 1 a seguir, são apresentados os percentuais de indicação de cada tópico por alunos e professores, organizados em ordem decrescente pela média de indicação entre os dois públicos.

Tabela 1 – Tópicos relacionados à RSE, segundo os respondentes

Tópicos relacionados à RSE	Média	Alunos	Professores
Processos produtivos com tecnologias limpas	89,95%	88,24%	91,67%
Educação e gestão ambiental nas empresas	85,78%	88,24%	83,33%
Utilização de materiais reciclados	81,37%	79,41%	83,33%
Respeito aos direitos humanos	80,15%	85,29%	75,00%
Ética nas relações da empresa	80,15%	85,29%	75,00%
Impacto ambiental dos produtos	79,90%	76,47%	83,33%
Valorização da diversidade humana na organização	78,43%	73,53%	83,33%
Trabalho voluntário	75,49%	67,65%	83,33%
Relações com a vizinhança da empresa	73,77%	55,88%	91,67%
Saúde e segurança de funcionários	73,04%	79,41%	66,67%
Emissão de poluentes	65,69%	64,71%	66,67%
Condições de trabalho adequadas e benefícios aos funcionários	57,35%	64,71%	50,00%
Doação de recursos para campanhas de entidades do terceiro setor	57,35%	64,71%	50,00%
Marketing ligado às causas sociais	56,13%	70,59%	41,67%
Promover campanhas para arrecadação de donativos em certas épocas do ano	48,77%	55,88%	41,67%
Inclusão digital	48,53%	47,06%	50,00%
Políticas de transparência de informação	47,30%	52,94%	41,67%
Balanco Social	44,36%	47,06%	41,67%
Práticas anticorrupção e antipropina	41,42%	41,18%	41,67%
Salários, promoções e treinamento de funcionários.	40,44%	55,88%	25,00%
Código de conduta para fornecedores	40,20%	47,06%	33,33%
Comportamento da empresa em relação a demissões e aposentadoria	35,78%	38,24%	33,33%
Participação de funcionários na governança corporativa	33,09%	41,18%	25,00%
Relações com sindicatos	30,39%	44,12%	16,67%
Relações com a concorrência	29,17%	50,00%	8,33%
Normas e convenções de trabalho internacionais	20,34%	32,35%	8,33%
Trabalho infantil	20,34%	32,35%	8,33%
Doação de recursos para campanhas políticas	4,41%	8,82%	0,00%
Geração de lucro em primeiro lugar	0,00%	0,00%	0,00%

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme demonstrado na Tabela 1, dos seis tópicos com maior média de indicação pelos dois públicos, quatro deles estão ligados à questão ambiental, demonstrando o destaque dado à dimensão ambiental da sustentabilidade. Nesse sentido, Gomes e Moretti (2007), alertam para a tendenciosidade de se colocar a questão ambiental separada ou à frente da questão social. Segundo esses autores, “o que se quer, na verdade, com este discurso é uma proteção dos recursos naturais para a exploração pelas empresas no futuro. Enquanto isso, a exclusão social continua a existir, a ser ampliada em formas distintas e números de pessoas” (2007, p. 35-36).

Cruzaram-se os percentuais de indicações dos tópicos pelos dois públicos, desconsiderando-se a diferença de tamanho dos grupos pesquisados, e assim, foram constatadas algumas semelhanças e disparidades de opiniões entre estudantes e docentes. Alguns itens apresentaram índices semelhantes de indicação por parte de alunos e professores, tais como “geração de lucro em primeiro lugar”, “práticas anticorrupção e antipropina”, “inclusão digital”, “emissão de poluentes”, “utilização de materiais reciclados” e “processos

produtivos com tecnologias limpas”, todos eles com menos de quatro pontos percentuais de diferença entre os dois públicos.

Por outro lado, alguns tópicos tiveram indicações divergentes entre discentes e docentes. Os tópicos mais indicados por alunos do que por professores foram: “relações com a concorrência”, com uma diferença de 41,67 pontos percentuais a mais de indicações; “salários, promoções e treinamento de funcionários” com diferença de 30,88 pontos percentuais; e “marketing ligado às causas sociais”, 28,92 pontos percentuais de diferença, mais assinalado por discentes do que por docentes.

Já os tópicos mais indicados por professores do que por alunos foram: “relações com a vizinhança da empresa”, com 35,79 pontos percentuais a mais de indicações; “trabalho voluntário”, com 15,68 pontos percentuais de diferença; e “valorização da diversidade humana na organização”, 9,8 pontos percentuais de diferença mais indicado por professores do que por alunos.

Depreende-se com base nestes dados que em comparação com os formandos, são mais destacados pelos professores como tópicos de RSE as relações da empresa com seu entorno, o estímulo ao trabalho voluntário e a valorização da diversidade humana a serviço da organização, os quais, geralmente, são membros da comunidade onde a empresa está inserida. De acordo com essa visão, no que tange à vizinhança da organização, a RSE “se traduz, na prática, em ações concretas, que tragam benefícios à sociedade e devolvam, criem ou recriem as condições necessárias para o desenvolvimento crescente da cidadania” (SILVA FILHO; BENEDICTO; CALIL, 2010, p. 68).

Quando comparados aos percentuais de indicações de tópicos por docentes, os discentes indicaram mais questões relacionadas à ética e gestão de pessoas. Reforçando esta perspectiva, quando solicitado aos estudantes que assinalassem as disciplinas em que havia sido estudado e/ou discutido a relação das empresas com a temática social, as disciplinas mais lembradas foram Ética, Ética Organizacional e Gestão de Pessoas I e II.

Dentre as 33 disciplinas lembradas pelos formandos, os professores respondentes lecionam em 17 delas, sendo que 75% dos docentes afirmou que aborda a RSE nas disciplinas onde leciona por meio de estudos de caso, vídeos, reportagens de jornais e revistas, exemplos práticos de empresas, dentre outros, com o objetivo de mostrar que a RSE é um tema que abrange diversas áreas da organização. Os demais docentes (25%) que não abordam a RSE durante as aulas alegaram que esse não é o foco e nem está no programa da disciplina, não sendo abordado direta ou indiretamente.

Com base na análise das disciplinas mais citadas e dos tópicos mais indicados por alunos do que por professores, percebe-se um enfoque voltado para o ambiente interno da organização, tendo por base os princípios de gestão de pessoas e da ética nas relações internas e externas da organização. Essa ênfase nas questões éticas pode ser inferida baseando-se na existência das disciplinas de Ética e Ética Organizacional que foram as mais lembradas pelos respondentes. Além disso, destaca-se que um dos tópicos contidos na ementa da disciplina de Ética Organizacional é a “análise da sustentabilidade organizacional: dimensões econômica, social e ambiental” (UCS, 2012, s.p.), em uma relação direta com a RSE.

Apresentou-se aos respondentes quatro afirmativas sobre as quais discentes e docentes deveriam posicionar-se assinalando sua resposta em uma escala Likert de cinco posições variando de “discordo totalmente” a “concordo totalmente”

Houve concordância total da maioria dos respondentes em relação à afirmação de que a RSE é importante para a prática da Administração, sendo que esta concordância abrange 91,67% dos professores e 58,82% dos acadêmicos. Outros 32,35% dos alunos concordam parcialmente, não havendo discordância total quanto à questão. Esse resultado explicita o reconhecimento da atualidade e importância do tema, e tal reconhecimento é destacado pelo

fato de que a maior concordância com a afirmativa acontece entre o público docente, o qual possui maior experiência e conhecimento da prática administrativa.

Em média, 89,95% dos respondentes dos dois públicos concordam total ou parcialmente com a afirmação de que o ensino de RSE no curso de Administração se iguala em importância com o ensino dos demais temas. Esse grau de concordância entre os professores é de 91,67% e entre os alunos de 88,24%, em uma demonstração de interesse pelo tema e constatação de sua essencialidade na formação do administrador.

Entre os formandos houve discordância parcial ou total de 55,89% em relação à afirmativa de que a RSE é abordada de maneira satisfatória no curso de Administração, e outros 32,35% dos estudantes mantiveram posição neutra. Já entre os professores, 58,33% optaram pela posição neutra, o que pode ser explicado pelo fato de nem todos os docentes terem a visão da totalidade do curso, ficando restritos à sua área de atuação.

Apresentou-se o problema da presente pesquisa transformado em afirmativa, com o intuito de medir sua aceitação pelos respondentes e avaliar a visão de professores e alunos quanto à formação de profissionais socialmente responsáveis pelo curso de Administração.

Entre o público docente, 50% concordam parcial ou totalmente com a afirmação de que o curso de Administração da UCS forma profissionais capacitados para atuarem de forma socialmente responsável na gestão das empresas, 33,33% mantiveram-se neutros e os outros 16,67% discordam parcialmente. Percebe-se que, apesar do baixo nível de concordância dos docentes em relação à afirmativa de que a RSE é abordada de maneira satisfatória no curso de Administração, mesmo assim, metade deles concorda que o curso capacita profissionais para agirem de maneira socialmente responsável na gestão das empresas.

Quanto a esta mesma afirmativa, a maior parcela do público discente, 41,18% dos bacharelados, manteve posição neutra, outros 38,24% discordam parcial ou totalmente, e os 20,59% restantes concordam parcial ou totalmente. Pode-se depreender a partir do percentual maior de estudantes em posição neutra, que estes ainda não têm opinião formada sobre o ensino da temática social que receberam na universidade por ainda não terem experiência profissional em cargos de gestão, uma vez que 52,94% deles atuam em funções operacionais.

Com o objetivo de fazer uma avaliação mais pontual, perguntou-se aos alunos respondentes da pesquisa se estes se sentiam preparados para gerenciar ações de RSE em uma empresa. O resultado demonstrou que 67,65% dos bacharelados sentem-se mais ou menos preparados para gerenciar ações de RSE em uma organização. Outros 17,65% responderam que não e 14,71% marcaram sim. Para complementar a investigação, pediu-se aos estudantes que justificassem sua resposta a essa questão. Os que se sentem preparados para gerenciar ações de RSE justificam esse preparo pelo fato de já terem buscado informações sobre o tema, por engajamento em ações sociais promovidas por entidades religiosas e por experiência no ramo empresarial. Já os que responderam “não” e os que responderam “mais ou menos” em sua maioria apontaram a falta de conhecimento sobre RSE como o maior obstáculo para que se sintam realmente preparados para gerenciar ações de RSE e atuarem de forma socialmente responsável nas organizações.

Buscou-se também explorar as opiniões dos bacharelados sobre a possibilidade de eles implantarem programas de RSE na organização onde fossem administradores. O resultado demonstra que 52,94% dos alunos respondeu que, como administrador, implantaria programas de RSE na sua empresa, e outros 47,06% ainda não tem opinião formada sobre a questão. Acredita-se que essa falta de opinião sobre a questão esteja ligada à falta de conhecimento já citada pelos estudantes na questão anterior. É importante salientar que ninguém respondeu “não” a esta interrogação.

Procurando entender de onde vem os conhecimentos dos respondentes sobre o tema, perguntou-se a discentes e docentes por quais meios eles adquirem conhecimentos sobre RSE. Os meios mais citados pelos professores foram jornais, revistas e livros, apontado por 91,67%

dos docentes, internet com 58,33% de indicações e universidade e vida profissional com 50% de indicações cada um. Outros meios mencionados pelos docentes foram publicações científicas, congressos, palestras e eventos.

Já entre os formandos, destaca-se a universidade como o meio mais citado, com 73,53% de indicações, seguido por jornais revistas e livros com 70,59% e internet, apontada por 64,71% dos estudantes. Percebe-se com isso que os bacharelados esperam que a universidade seja a grande provedora de conhecimentos sobre RSE.

Tendo a visão da universidade como geradora e transmissora de conhecimentos, e guiando-se pelos objetivos da pesquisa, perguntou-se a alunos e professores quais seriam as melhores formas de abordar a RSE no curso de Administração. Nesse mesmo sentido, Silva e Chauvel (2010), realizaram pesquisa com o objetivo de estudar a percepção sobre o ensino de RSE de alunos formados há no máximo um ano e estudantes do último ano de graduação em Administração de quatro IESs do estado do Rio de Janeiro. No referido estudo, as autoras questionam os respondentes sobre quais seriam as opções que poderiam ser colocadas em prática em seus cursos, sendo que os respondentes podiam marcar mais de uma opção.

A questão apresentada por Silva e Chauvel (2010), foi adaptada a presente pesquisa, sendo aplicada a professores e alunos e seus resultados são apresentados na Tabela 2 a seguir.

Tabela 2 – Melhores formas de abordagem da RSE na Administração

Opções	Alunos	Professores	Média
Realizar seminários e palestras sobre o tema com a presença de executivos constando suas experiências na prática	67,65%	75,00%	71,32%
Reforçando a abordagem do tema na ementa de disciplinas já existentes	44,12%	58,33%	51,23%
Ter uma disciplina de RSE	55,88%	41,67%	48,77%
Desenvolver trabalhos sobre o tema levando à aprendizagem na prática	29,41%	50,00%	39,71%
Realização de um programa de trabalho voluntário para que os alunos possam participar	20,59%	50,00%	35,29%

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme demonstrado na Tabela 2, em média, 71,32% dos respondentes preferem que o tema seja abordado por meio da apresentação de práticas reais de RSE nas organizações, a qual se daria com a realização de seminários e palestras onde executivos e profissionais responsáveis pela gestão de RSE nas empresas pudessem contar suas experiências na prática.

A segunda opção mais indicada variou segundo o público respondente. Para 58,33% dos professores outra forma de abordar a RSE seria reforçando sua abordagem na ementa das disciplinas já existentes no plano curricular, em um reconhecimento da interdisciplinaridade e transversalidade do tema. Já entre os bacharelados, a segunda opção, indicada por 55,88% do público discente, seria a existência de uma disciplina especificamente para tratar do tema da RSE.

Quanto à possibilidade de ter uma disciplina de RSE no plano curricular, perguntou-se aos alunos se durante o curso tivesse sido oferecida uma disciplina eletiva de Responsabilidade Social Empresarial eles a teriam cursado. O resultado demonstrou que, se tivesse sido oferecida, a disciplina eletiva de RSE teria sido cursada por 94,12% dos estudantes respondentes da pesquisa. Como forma de entender a escolha do respondente por uma das duas opções pediu-se que justificasse sua opção. Os estudantes que responderam “sim” justificaram seu interesse afirmando ser um tema importante e atual cujo conhecimento pode trazer diferencial competitivo ou simplesmente para adquirir mais conhecimento nessa área. Já os bacharelados que responderam “não” alegaram ter interesse em outras áreas, de forma que a disciplina de RSE não seria sua primeira opção.

Ao comparar-se o percentual de estudantes que cursariam uma disciplina eletiva de RSE (94,12%), com o percentual de alunos que indicaram a opção “ter uma disciplina de RSE” (55,88%) como uma das melhores formas de abordar o tema no curso de Administração conforme Tabela 2, depreende-se que a RSE tem maior aceitação como disciplina não obrigatória. Isso pode ser inferido pelo fato de a opção apresentada na Tabela 2 não expressar se a disciplina proposta teria caráter obrigatório ou não, porém quando apresentada como eletiva o percentual de indicação foi maior.

Com base nestes dados pode-se inferir a aceitação de uma disciplina eletiva de RSE pela maior parte dos estudantes e também o reconhecimento de que o tema está relacionado com várias áreas da ciência da administração de forma que em diversas disciplinas do curso essa matéria pode ser abordada, com maior ou menor ênfase, interligada aos assuntos tratados em aula.

4.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A ANÁLISE DOS DADOS

Depreende-se com base nos dados da pesquisa que os bacharelados têm consciência da importância da RSE e a percebem como uma demanda do mercado, apesar de não terem muita clareza sobre os conceitos e limites da matéria em questão. Já os docentes demonstraram ter conhecimentos da prática da RSE e reconhecem a necessidade do domínio do tema por administradores e organizações. Esta compreensão de alunos e professores é corroborada a partir do alto índice de concordância dos dois públicos com a afirmação de que o tema é importante para a prática da Administração. Docentes e discentes, em sua maioria também concordam que o ensino de RSE no curso de Administração é tão importante quanto o ensino dos demais temas.

Diante da afirmativa de que a RSE é abordada de maneira satisfatória no curso de Administração a maior parcela dos estudantes posicionou-se de maneira parcialmente discordante ou neutra, porém ao serem questionados se estes se sentiam preparados para gerenciar ações de RSE em uma empresa a maior parte sentia-se mais ou menos preparados, justificando tal posicionamento pela falta de maiores conhecimentos e domínio do assunto. Quando solicitados a responder por quais meios adquiriam conhecimentos sobre RSE, a opção mais indicada pelos estudantes foi a universidade. Já os professores apontaram como meios mais utilizados os jornais, revistas e livros, demonstrando que os docentes procuram manter-se atualizados principalmente em relação às práticas mais atuais de RSE expostas em jornais e revistas, sendo que em muitas vezes, esse material impresso é usado em sala de aula como forma de ilustrar e complementar o tópico estudado.

Fundamentando-se nas evidências apresentadas, entende-se que o aluno percebe o conhecimento em RSE como um diferencial em sua futura carreira de administrador, considera seu ensino tão importante quanto dos demais temas, porém ainda tem dúvidas se o ensino recebido pode ser considerado satisfatório, uma vez que ainda não está atuando na profissão. Esse futuro administrador sente-se despreparado e desprovido de conhecimentos suficientes para gerenciar as ações de RSE em uma organização, mas aponta a universidade como seu principal meio de adquirir esses conhecimentos faltantes sobre o tema.

O bacharelado respondente da presente pesquisa acredita que a melhor maneira de abordar a RSE no curso de Administração é por meio de seminários e palestras onde profissionais com experiência na área poderão explicar sobre as práticas adotadas em suas organizações.

Para este estudante, além de conhecer a prática através de exemplos, também é importante conhecer a teoria e as ferramentas de RSE, por isso ele também aponta outras maneiras de abordar o tema como a criação de uma disciplina especificamente sobre RSE sem deixar de reforçar a sua abordagem como complemento em temas de outras disciplinas,

devido à transversalidade e interdisciplinaridade do tópico. O discente de Administração pesquisado teria grande probabilidade de cursar uma disciplina eletiva de RSE, pois acredita que o conhecimento do tema pode lhe trazer um diferencial no mercado de trabalho.

Com base nessas conclusões, a seguir são propostas melhorias ao curso de Administração visando à atualização de seu currículo e dos métodos de abordagem da RSE.

4.2 PROPOSTA DE MELHORIAS

Com base nas conclusões da presente pesquisa, são propostas algumas linhas de ação para que o curso de Administração da UCS possa acompanhar as demandas do mercado em relação à RSE, visto que um dos objetivos específicos do curso é “possibilitar o aperfeiçoamento de atitudes e práticas que levem em conta a responsabilidade social e ética das organizações na sociedade contemporânea” (UCS, 2007, p. 3).

Por ser a RSE um tema amplo e abrangente, é possível abordá-la de forma transversal nas outras disciplinas buscando ligações entre os tópicos de RSE e assuntos presentes no programa da disciplina. O conteúdo das disciplinas, segundo Andrade e Amboni (2003), deve contribuir para a construção de diferentes capacidades através da complementação entre as disciplinas, visando proporcionar aos alunos um desenvolvimento mais completo e integrado.

Além da inclusão dos tópicos relacionados à RSE na ementa das disciplinas já existentes, propõe-se o oferecimento de uma disciplina eletiva sobre o tema como forma de proporcionar uma opção mais completa e focada sobre a matéria de maneira a atender à demanda dos estudantes por conhecimentos teóricos e práticos sobre RSE.

As disciplinas eletivas do curso de Administração “constituem-se em estudos que acompanham tendências que envolvem direta ou indiretamente o universo administrativo” (UCS, 2007, p. 8). Dessa forma, a disciplina proposta teria caráter não obrigatório por se entender que os estudantes podem ter interesse prioritário em outros temas, escolhendo disciplinas eletivas mais voltadas à área em que pretendem atuar profissionalmente, a qual nem sempre está ligada de maneira direta aos programas e ações de RSE. Acredita-se que para estes alunos, o conhecimento adquirido ao longo de um curso onde a questão social e ambiental tenha sido debatida e estudada de maneira interdisciplinar já seria suficiente para o desenvolvimento de uma consciência socialmente responsável, uma vez que, segundo Paviani e Pozenato (1984), a graduação não esgota as possibilidades de formação universitária, mas busca oferecer uma visão geral da realidade humana e da profissão escolhida.

Ainda com base nos resultados da pesquisa, sugere-se a adoção de abordagens práticas da RSE por meio de palestras, visitas a empresas e estudos de caso com base na realidade, principalmente regional, como forma de despertar o interesse e promover a conscientização do aluno desde o primeiro semestre do curso. Além disso, não se pode esquecer de que para que tudo isso aconteça é necessário que os professores estejam capacitados e constantemente atualizados sobre o tema. Propõe-se também que a universidade exerça seu papel de instituição comunitária e socialmente responsável por meio da promoção de cursos e palestras para o empresariado e comunidade em geral debatendo os temas sociais e ambientais, e também a criação de parceria com a iniciativa privada na promoção de ações e programas de RSE com a participação de alunos e professores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos dados coletados, percebe-se que de maneira geral, discentes e docentes manifestaram convergências de conhecimentos, não havendo disparidades significativas. Ambos os públicos demonstraram conhecer o assunto de uma forma mais geral, sem uma

visão aprofundada do todo da RSE, o que foi constatado pelo baixo índice de indicação de alguns tópicos como sendo relacionados ao tema, tais como “relações com sindicatos”, “relações com a concorrência” e “normas e convenções de trabalho internacionais”.

De qualquer forma, acredita-se que haja necessidade de intensificar a abordagem nas disciplinas do curso de Administração por meio da conexão dos assuntos específicos das disciplinas com os temas sociais e ambientais.

Depreende-se a partir da visão dos professores e alunos exposta nos resultados da pesquisa que o curso de Administração da UCS forma profissionais conscientes da importância e necessidade de atuarem de forma socialmente responsável na gestão das empresas, porém não os capacita significativamente com instrumentos e conhecimentos sobre a amplitude da RSE. O ensino de RSE no curso de Administração da UCS foca no “porque fazer”, mas demonstra carências no “como fazer”, dando mais destaque a questões pontuais nos campos da ética, meio ambiente e relações com o público interno, sendo que na maioria das vezes tais tópicos não são vistos como relacionados à RSE, demandando atitudes e ações para que se possa mudar esse quadro no ensino da universidade.

Porém, há que se ressaltar que o presente estudo apresenta limitações como o fato de o acadêmico pesquisador fazer parte da população pesquisada, o que pode representar uma análise e interpretação parcial dos dados. Soma-se a isto o uso do questionário como instrumento de coleta de dados, o qual não permite a mesma qualidade de respostas se comparado com a entrevista em profundidade, e mesmo depois de revisado e aprovado no pré-teste ainda pode ter questões que suscitem a dualidade de interpretações.

Aponta-se também como limitação o chamado viés da desejabilidade social, que segundo Serpa (2006, p. 17), “ocorre quando os sujeitos pesquisados baseiam suas respostas no que percebem como sendo uma resposta socialmente valorizada”. Quanto à população, o estudo limitou-se aos 34 formandos do período 2012/4 e aos 12 professores que no período citado ministraram disciplinas específicas do curso de Administração na UCS - unidade de Canela, de forma que não se pode afirmar que esta população seja representativa dos bacharéis em Administração formados pela Universidade de Caxias do Sul como um todo e do total de docentes do curso de Administração. Acredita-se que a comparação de percepções entre alunos e professores é válida, pois apesar de serem grupos distintos e de tamanhos diferentes, são públicos com relação estreita que convivem no mesmo ambiente, com conhecimentos e experiências diferentes. Dessa forma, optou-se por utilizar uma técnica estatística simples, como a média, para obter-se uma visão das percepções da totalidade da população pesquisada.

Sendo assim, a generalização dos resultados da pesquisa para outras unidades da UCS pode não ser possível devido às características culturais e sociais de cada localidade. Porém acredita-se que as melhorias propostas podem ser adotadas de maneira análoga em todas as unidades da UCS por atenderem demandas que são comuns a todas as regiões.

Sugere-se para futuras pesquisas uma investigação das percepções sobre RSE de gestores de empresas de cada região e também das práticas e ações adotadas, como forma de se conhecer as visões do empresariado sobre o tema. Também seria oportuno realizar uma análise comparativa entre os conhecimentos de RSE de alunos ingressantes e concluintes, não apenas na unidade de Canela, mas nas demais unidades da UCS, traçando um panorama do ensino de RSE na UCS como um todo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rui Otávio Bernardes de; AMBONI, Nério. **Diretrizes curriculares para o curso de graduação em Administração**: como entendê-las e aplicá-las na elaboração e revisão do projeto pedagógico. Brasília, Conselho Federal de Administração, 2003.

ASHLEY, Patrícia Almeida (Coord.). **Ética e Responsabilidade Social nos negócios**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

BARBIERI, José Carlos; CAJAZEIRA, Jorge Emanuel Reis. **Responsabilidade Social Empresarial e Empresa Sustentável: da teoria à prática**. São Paulo: Saraiva, 2009.

BORGER, Fernanda Gabriela. **Responsabilidade Social: efeitos da atuação social na dinâmica empresarial**. São Paulo, 2001. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – Faculdade de Economia, Administração e Ciências Contábeis, Universidade de São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-04022002-105347/pt-br.php>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

DREHER, Marialva Tomio; ULLRICH, Danielle Regina. **Gestão da Responsabilidade Social e o perfil dos gestores: análise das organizações de Blumenau (SC)**. In: SEMINÁRIOS EM ADMINISTRAÇÃO, 12, 2009, São Paulo. **Trabalhos**. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/219.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

FISCHER, Rosa Maria. Não basta só pagar imposto. **Revista Exame**. ed. 833. 09 dez. 2004. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/edicoes/0833/noticias/nao-basta-so-pagar-imposto-m0040934>>. Acesso em: 22 set. 2012.

FRIEDMAN, Milton. *The Social Responsibility of Business is to Increase its Profits*. **The New York Times Magazine**. 13 sept. 1970. Disponível em: <<http://www.colorado.edu/studentgroups/libertarians/issues/friedman-soc-resp-business.html>>. Acesso em: 17 mar. 2012.

_____. **Capitalismo e liberdade**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Adriano; MORETTI, Sérgio. **A responsabilidade e o social: uma discussão sobre o papel das empresas**. São Paulo: Saraiva, 2007.

KARKOTLI, Gilson. **Responsabilidade Social Empresarial**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

MELO NETO, Francisco Paulo de; FROES, César. **Responsabilidade social e cidadania empresarial: a administração do terceiro setor**. 2. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

OLIVEIRA, José Antonio Puppim de. **Empresas na Sociedade: sustentabilidade e responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

PAVIANI, Jayme; POZENATO, José Clemente. **A universidade em debate**. 3. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

RIBEIRO, Renato Janine. **A universidade e a vida atual**: Fellini não via filmes. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SERPA, Daniela Abrantes Ferreira. Ética e responsabilidade social corporativa são realmente importantes? Um estudo com futuros e atuais gestores de empresas. **REAd – Revista Eletrônica de Administração**. ed. 54. v. 12. n. 6. nov-dez 2006. Disponível em: <http://read.adm.ufrgs.br/edicoes/pdf/artigo_464.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2012.

SILVA, Renata Céli Moreira da; CHAUVEL, Marie Agnes. O ensino da responsabilidade social na graduação em administração: um estudo quantitativo sobre a percepção dos estudantes. **REAd – Revista Eletrônica de Administração**. ed. 65. v. 16. n.1. Jan-Abr. 2010. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/download/1504>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

SILVA FILHO, Cândido Ferreira da; BENEDICTO, Gideon Carvalho de; CALIL, José Francisco (Orgs.). **Ética, Responsabilidade Social e Governança Corporativa**. 2. ed. Campinas: Alínea, 2010.

SOUZA, Vanessa de Souza Fraga de; DREHER, Marialva Tomio; DOMINGUES, Maria José. **Análise do ensino de responsabilidade social empresarial no ponto de vista do estudante egresso de administração**. In: XVII ENANGRAD – São Luís, MA, Brasil - 27 a 30 de Agosto de 2006. Disponível em: <http://home.furb.br/mariadomingues/artigos/XVII_ENANGRAD_2006/Analise_do_Ensino_de_Resp._Soc._Emp.pdf>. Acesso em: 16 set. 2012.

SOVINSKI, Marcos. O novo perfil do administrador frente à Responsabilidade Social das empresas. **Administradores.com.br**. 2006. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/o-novo-perfil-do-administrador-frente-a-responsabilidade-social-das-empresas/12319/>>. Acesso em: 07 jun. 2012.

UCS - UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. **Projeto pedagógico do curso de Administração**. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2007.

_____. **Administração**: Plano curricular. 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/portais/curso114/plano/GRA000351/G/>>. Acesso em: 09 jun. 2012.

VELLANI, Cassio Luiz. **Contabilidade e responsabilidade social**: integrando desempenho econômico, social e ecológico. São Paulo: Atlas, 2011.